

Noticias várias

1. Castello de Torres Vedras

Um dos pensamentos da nossa Camara Municipal é o dotar a villa com agua sufficiente para o consumo dos seus habitantes. Para tal se conseguir tem-se procedido a serias experiencias.....

Lembrou-se a camara de mandar sondar o castello para ver se era possivel descobrirem-se algumas cisternas construidas pelos Mouros. Apareceu a primeira, dentro dos muros da praça, tem 18 metros de comprimento, 3 de largura, ignorando-se por emquanto a profundidade. Esta era a que servia para guarda das aguas dos telhados das casas do castello.

É opinião de que devem existir maiores depositos, crendo-se mesmo haver communicação entre a praça e o rio, pois os Mouros, para resistirem aos muitos e prolongados cercos que soffreram, haviam forçosamente de vir buscar a agua aos baixos da villa¹.

Era um estudo curioso, mesmo uma necessidade que a encosta do castello fosse sondada em varios pontos. Nos altos já se tem encontrado galerias que os antigos taparam, mas que não são exploradas por faltar a licença do Ministerio da Guerra.

(*Diario de Noticias*, de 8 de Abril de 1905).

2. Tapetes persicos

A fim de comprarem um tapete persa, antiquissimo, de que é proprietaria a junta de parochia de S. Martinho de Cintra, estiveram hoje nesta villa os Srs. Hamburger Frères, de Paris, que não realizaram a transacção por não attingirem a importancia que a junta exige.

(*Diario de Noticias*, de 1 de Maio de 1905).

CINTRA.—Despertou verdadeiro interesse a nossa noticia, publicada no *Seculo* de hoje, acêrca da venda do tapete persa pertencente á junta de parochia de S. Martinho, tendo ido muitas pessoas examiná-lo.

O tapete estava muitissimo usado.

Depois de examinado por um enviado da Academia Real de Bellas Artes, foi a junta autorizada, conforme noticiámos, a vendê-lo.

Pela nossa noticia, o Sr. Emilie Pares, importante negociante de objectos de arte e antiguidades na Praça del Principe Alfonso, em Madrid, teve conhecimento da existencia do tapete, vindo hoje acompanhado do Sr. Joaquim Moraes da Cunha, proprietario da joalheria

¹ [Simples lenda popular. — J. L. DE V.]

Cunha, da Rua Nova da Palma, 106, e José Leal, proprietario da Liquidadora das Portas de Santo Antão, de Lisboa.

Estavam presentes os Rev. Amaro Ferreira de Azevedo, presidente, Manuel Ramos Ferreira de Carvalho, Augusto Reis Barreto e José Nunes Rodrigues da Silva, vogaes da junta de parochia.

A junta, apreciando as propostas apresentadas para a compra do tapete, preferiu a mais vantajosa, apresentada pelo Sr. José Leal, na importancia de 460\$000 réis, sendo a aquisição feita para o Sr. Pares.

D'esse acto foi lavrado uma auto assinado pela junta e o arrematante, que depositou na thesouraria da junta o preço da arrematação, entrando na posse do tapete.

(*Seculo*, de 2 de Maio de 1905).

A mesa administrativa da Real Irmandade do Santissimo Sacramento da Capella Real, freguesia de Santa Justa e Rufina d'esta cidade, superiormente autorizada, vae brevemente proceder á venda em hasta publica, e com as formalidades legais, de alguns paramentos antigos e de cinco tapetes da Persia, tambem antigos de grande valor artistico. A venda será opportunamente annunciada, bem como as respectivas condições. Chama-se para a referida venda a attenção das pessoas a quem possa interessar a aquisição de taes objectos, os quaes, com a devida prevenção do andador da Irmandade, que se encontra na igreja, podem ser examinados em todos os dias da semana, depois do meio dia, exceptuando as sextas feiras, ou quando na igreja se celebrem festividades.

(*Seculo*, de 22 de Março de 1905).

Foi-nos enviada pelo illustre juiz da irmandade do Santissimo da freguesia de Santa Justa a seguinte carta:

5 de Abril de 1905—Sr. redactor.—No seu numero de hoje vem uma noticia referente aos tapetes persas, que a irmandade do Santissimo da freguesia de Santa Justa tem para vender em leilão no dia 29 de corrente, e cujo teor, pelo effeito que produz, eu, na honrosa qualidade de juiz da irmandade não posso deixar de rectificar, para o que solicito de V. a inserção das presentes linhas.

Diz a local que «visto os objectos annunciados para a venda não terem valor artistico, não devem figurar no Museu Nacional».

O facto de lá não deverem figurar obedece porventura a outro criterio, que nada tem que ver com o referido valor dos objectos, nem com os interesses da irmandade, que impensadamente, quero crê-lo, assim foram feridos.

Não procurei, porém, saber d'onde provém tão imprevista informação, e o que apenas a acho é, pelo menos, inoportuna, e, como tal de bem «menor valor artistico» que os proprios objectos a que allude.

Convém todavia que se saiba que, não obstante o depreciativo juizo que o noticiarista d'elles fórma poderia a irmandade, realizada a venda particularmente, haver recebido já alguns contos de réis, se não preferisse cumprir a lei, annunciando leilão, e buscando, como buscou, embora sem resultado, o parecer official dos competentes no assunto.

De resto, o leilão está proximo, e elle provará, espero-o, que apesar da noticia, a importancia dos objectos a vender sempre será de natureza a trazer algum beneficio para a irmandade, que tanto carece de recursos, para dignamente se desempenhar dos seus encargos, unico fim que, tanto os meus collegas como eu, temos em vista conseguir.

Agradecendo desde já, sou com toda a consideração—De V. , etc., *Polycarpo Anjos*, juiz da irmandade.

(*Diario de Noticias*, de 6 de Abril de 1905).

A irmandade do Santissimo da freguesia da Ameixoeira, proximo do Lumiar, vende em leilão no dia 25 de junho corrente, pelas 12 horas da manhã, alguns tapetes persas, conforme as condições dos annuncios já publicados e as que se acham patentes na respectiva igreja.

(*Diario de Noticias*, de 16 de Junho de 1905).

3. Castello de Elvas

O illustrado general, governador d'esta cidade, Sr. João Carlos Rodrigues da Costa, attentas antigas autorizações superiores, agora revalidadas a instancias de S. Ex.^a, fez publicar, em ordem de praça, que é permittido, a quem se apresente decentemente, visitar em todas as quintas feiras e domingos, das 10 da manhã ás 3 da tarde, o antigo Castello Mourisco de Elvas, no qual existem as ruinas da residencia dos alcaides-móres d'esta povoação, edificio assaz digno de ser conhecido e que pelas suas gloriosas tradições e architectura ha muito devia estar incluído na lista dos nossos monumentos nacionaes, a fim de se obstar á sua completa derrocada.

(*Diario de Noticias*, de 3 de Maio de 1905).

4. Minas de S. Domingos

Para alargamento dos córtes, proceder-se-ha aqui, dentro em pouco, a escavações em terreno não mexido em nossos dias, podendo isto dar talvez logar a que mais algumas antigualhas sejam encontradas, como succedeu ha quasi meio seculo, quando começou a exploração moderna

d'este importante jazigo mineiro, onde tanto laboraram alguns povos da antiguidade.

Parece ser o Sr. Felix o chefe dos novos trabalhos. Este cavalheiro, como todos os seus compatriotas hoje aqui ao serviço d'esta empresa, é tambem homem bastante activo e intelligente.

(*Seculo*, de 25 de Fevereiro de 1905).

Ainda com respeito á escavação a que se tem procedido e cremos se procede ainda no sitio dos Barriaes, para os lados de Chança, consta já terem sido encontradas algumas amphoras e tijolos, tudo em bom estado de conservação, comquanto se supponha que muitos seculos tenham decorrido sobre taes antiguidades, que muito bem poderão ser contemporaneas das que nesta mina foram encontradas no principio da nova exploração, e mesmo já depois d'isso, haverá uns 6 annos.

(*Seculo*, de 4 de Junho de 1905).

5. O Castello do Zezere

CONSTANCIA. — Por conta da Camara Municipal d'este concelho andam-se demolindo as ruinas do «Castello do Zezere», mais conhecido pela «Torre», e que são propriedades do Conde de Caparica.

Mais uns restos historicos que desaparecem, não sabemos para que fim!

A construcção do Castello do Zezere data de 1172, sendo seu edificador o mestre da Ordem do Templo, D. Gualdim Paes. Tem, portanto, 733 annos de existencia.

(*O Seculo*, de 21 de Maio de 1905).

6. A artilharia antiga de Zanzibar

Zanzibar, 20 de Abril de 1905. — Sr. director do *Diario de Noticias* — Lisboa. — Num interessante artigo, publicado com a epigraphie «Palestras Navaes» no n.º 14:112, de 14 de Março p. p., do *Diario* que V. distinctamente dirige, refere-se o meu velho amigo Contra-Almirante Augusto de Castilho a algumas peças de artilharia antiga, fundidas no Arsenal de Goa, e existentes em Zanzibar ao tempo em que, ha mais de vinte annos, adergou de aqui passar e de as ver jazendo, desprezadas, estendidas por terra, num velho barracão. É assim; sendo de sentir, porém, que o seu artigo não tivesse apparecido muitos annos antes, e com elle a sua sollicitação aos Ministros dos Estrangeiros, da Guerra e da Marinha a que buscassem reaver, mediante os bons officios da Inglaterra, alguns d'aquelles preciosos documentos da nossa passada grandeza; que se não houvesse antecipado, quando

menos, essa publicação ao bombardeamento de Zanzibar, succedido em Agosto de 1896.

Quando, depois do bombardeamento, em 1897, eu, como consul, aqui cheguei, não encontrei já senão restos de toda essa artilharia que o meu illustre amigo descreveu. Mas, ainda, com respeito ao aproveitamento d'aquelles restos, tardou de annos, sem ser elle a arrecadar, o seu aviso.

Não me cumpre insinuar, e muito menos afirmar, qual o destino que tiveram as peças desaparecidas, muito legal, aliás, porque não foram levadas, de certo, sem o consentimento de quem estava na sua posse; como foi com esse consentimento que eu, chegado apenas na respiga do que outros haviam ceifado, obtive d'esses restos o que, do já menos, havia mais aproveitavel.

Foi a Sir Artur Harding, consul geral e agente diplomatico de S. M. Britannica, hoje seu ministro na Persia, que eu manifestei o desejo de alcançar para o nosso Museu de Artilharia algumas das restantes peças; e foi elle tão amavel, que «nos» presenteou desde logo com duas de bronze, muito boas e muito bem conservadas, que, montadas em seus respectivos reparos, enfeitavam a frente, lado do mar, do consulado de Inglaterra.

Não contente com isso, trouxe-me de Mombaça, quando pouco depois ali foi, uma pequena colubrina, de linhas muito elegantes, que ali descobrira e logo em mente me offerecera. Essas tres bocas de fogo seguiram para Lisboa pelo paquete «Herzog», em Outubro de 1899, e deram entrada no Museu de Artilharia.

As quatro grandes peças, de valentes arganeus, com as armas reaes e esphera armilar resaltadas, de que nos fala o illustre Almirante, ainda aqui as encontrei, e não me descuidei em pedir... duas. Haver todas quatro seria demasiada e indiscreta ambição. E de artilharia antiga, de bronze, era o que existia e que valesse. Tudo mais era, e é, a sucata de ferro de umas caronadas, de que nem mesmo se conhece a nacionalidade, havendo, apenas, a presumpção de que sejam portuguezas ou hespanholas algumas d'ellas.

Como disse, pedi-as, e foram-me graciosamente concedidas pelo fallecido sultão Seyd Hamud bin Mahomed, por amavel intervenção do já tambem fallecido primeiro ministro de S. A. Sir William Mathews.

Essas duas peças, de muito difficil transporte, pois são do peso de algumas toneladas, ficaram esperando o ensejo favoravel da passagem por aqui de algum navio de guerra que pudesse levá-las para Lisboa.

Só em 1902, quando succedeu aqui surgir o cruzador «S. Gabriel», o seu commandante, Sr. Capitão de Mar e Guerra Azevedo Gomes,

solicitado por mim para as tomar a seu bordo, da melhor vontade e com o maior interesse se prestou a transportá-las, e pôs á minha disposição um troço de marinheiros que, dirigidos pelo Segundo Tenente Nunes Ribeiro, e trabalhando debaixo de um sol ardente, coadjuvados por gente das Obras Publicas, guiada pelo seu engenheiro director, conseguiram levar as peças ao caes da alfandega e passá-las a um lanchão e içá-las para bordo do «S. Gabriel», com muito trabalho, mas sem nenhum desconcerto.

Demorou-se a remessa, mas não era faina aquella que eu confiasse do pessoal de um navio mercante.

E as duas peças lá estão figurando, a par das três primeiras, no Museu de Artilharia.

Desculpe V. que tanto tempo lhe haja tomado com esta historia, que como reclamo nunca fiz, nem faria conhecida; mas que hoje se torna necessario fazer publica, para que se não pense que a tanto haviam chegado o meu desleixo e desamor pelas cousas vetustas mas gloriosas do meu país, que, deparando-se-me ellas mais ou menos abandonadas, nem o minimo esforço empregara para, no todo ou em parte, as resgatar do desprezo e do olvido.

Com a publicação d'esta carta no seu *Diario* e que solicito espero, me confesso desde já, com a maior consideração e estima, de V. etc., *Antonio G. Ferreira de Castro*.

(*Diario de Noticias*, de 2 de Junho de 1905).

7. Museu do Porto

Fechou hoje o museu da Rua da Restauração, tendo sido removidas todas as collecções para as novas dependencias da Biblioteca Publica, onde se trata da respectiva installação. Vem a proposito recordar que foi o inglês João Allen quem, em 1838, mandou construir o edificio da Rua da Restauração para ali installar as suas collecções. Em 1858, quando a Camara comprou o museu aos herdeiros do fundador, cêrca de duas centenas de quadros tiveram de ser recolhidos no edificio dos Paços do Concelho, onde ainda existem. Em 1852 abriu-se o museu ao publico, e só agora, volvidos 53 annos, se conseguiu a sua transferencia.

Pensa-se em restringir o museu ás secções das bellas-artes, artes decorativas, archeologia, ethnographia e reproducções, visto que em breve serão franqueados ao publico os gabinetes da historia natural, no edificio da Academia Polytechnica.

(*Diario de Noticias*, de 21 de Julho de 1905).

PEDRO A. DE AZEVEDO.